



GT09 - Trabalho e Educação – Trabalho 1133

JUVENTUDE, ESTUDO E TRABALHO: MODOS MÚLTIPLOS DE VIVENCIAR O LAZER

Ivanês Zappaz - ULBRA

Juliana Ribeiro de Vargas – ULBRA

Agência Financiadora: PROSUP/CAPES

Resumo

O presente estudo, recorte de uma investigação maior, tem como objetivo analisar as narrativas sobre as práticas de lazer de um grupo de jovens, com idades entre quinze e dezoito anos, trabalhadores/estudantes de Ensino Médio Noturno, de uma escola pública da cidade de Garibaldi (RS). Utilizamos, para tanto, o aporte dos Estudos Culturais em Educação, em uma abordagem pós-estruturalista, e de referências dos Estudos de Lazer. Como ferramentas metodológicas, valemo-nos de observações dos jovens no espaço escolar e em outros locais da cidade referida, da análise de questionário e da organização de grupos de discussão. O *corpus* analítico é constituído pelas narrativas dos alunos/trabalhadores participantes, as quais visibilizam possibilidades múltiplas de vivenciarem a juventude e o lazer entre o universo do trabalho e do estudo. Dentre outros achados, percebe-se que as práticas de lazer vivenciadas por tais jovens se diferem daquelas constituídas na sociedade pelas políticas públicas. Os estudantes/trabalhadores também indicam a “falta de tempo” e a “necessidade de descanso” como balizadores para a organização do lazer.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Lazer; Juventude; Trabalho

Reflexão inicial

Ao analisar a rotina de jovens trabalhadores/estudantes, observa-se que os momentos dedicados às atividades ligadas à diversão, ao entretenimento em família ou entre amigos são mais escassos quando comparados, por exemplo, às práticas de alunos que têm como compromisso apenas as demandas escolares. Desta forma, o presente estudo, recorte de uma investigação maior, tem como objetivo analisar narrativas sobre práticas de lazer constituídas por um grupo de trinta e cinco jovens, com idades entre quinze e dezoito anos, trabalhadores/estudantes de Ensino Médio Noturno, de uma escola pública da cidade de Garibaldi (RS).

Como pesquisadores e professores, licenciados em Educação Física, compreendemos o espaço escolar como constituído e atravessado por diversidades múltiplas, uma vez que nesse são visíveis “toda a gama dos lugares diversificados e densamente estratificados de aprendizagem, tais como a mídia, a cultura popular, o cinema, a publicidade, as comunicações de massa e as organizações religiosas, entre outras” (GIROUX, 1995, p. 90). Cada aluno traz, em sua bagagem, histórias distintas e diferentes formas de compreender o mundo e assim, a relação que estabelece com seus pares pode lhe proporcionar novas e ilimitadas visões do seu entorno, ampliando seus conhecimentos, possibilitando a conexão com outras culturas.

Em relação às noções de lazer, Myskiw, Forell e Stigger (2014, p. 2) apontam “que a construção de sentidos do lazer não está imune aos dramas cotidianos da vida urbana”. Assim, é possível compreender que as ações/situações de lazer vivenciadas pelos sujeitos são constituídas por processos sociais e culturais e também, pelas relações com seus pares. Exemplo de tal afirmação é visível quando observa-se a pouca circulação de jovens que estudam à noite em determinados espaços públicos de lazer, uma vez que os mesmos estão fechados nos momentos em que aqueles têm tempo livre.

O *corpus* analítico deste estudo é constituído pelas narrativas dos estudantes/trabalhadores participantes acerca da organização de suas práticas de lazer em diversos momentos de seu cotidiano. Para a análise de tais materialidades, buscamos aporte na perspectiva teórica dos Estudos Culturais em Educação, em uma abordagem pós-estruturalista, no campo dos Estudos do Lazer e em determinadas ferramentas metodológicas, a exemplo dos grupos de discussão, dimensões que serão melhor explicitadas a seguir.

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais, compreendemos que a sociedade (re)produz significados sobre as práticas de lazer da juventude contemporânea através de estratégias de representação. Woodward (2009) destaca a representação como um processo cultural que envolve práticas de significação e sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos. Sobre o tema, esclarece Silva (1999, p. 44):

As representações culturais não são simplesmente constituídas de signos que expressam aquelas coisas que supostamente “representam”. Os signos que constituem as representações focalizadas pela análise cultural não se limitam a servir de marcadores para objetos que lhes sejam anteriores: eles criam sentidos.

A representação das práticas de lazer associadas à juventude, de uma maneira

geral, tende a aproximá-la das expressões artísticas, esportivas, ou ainda, aos divertimentos excessivos em condições transgressoras. Contudo, a partir das várias expressões de ‘ser jovem’, narradas pelos estudantes/trabalhadores, pode-se perceber representações diferenciadas sobre o lazer. Os jovens pesquisados destacam a falta de tempo, a necessidade de descanso e as preocupações com as atividades laborais como como balizadores para a constituição de suas práticas de lazer. Por conseguinte, o “ficar em casa sem fazer nada” era narrado pelos participantes como lazer.

A partir das bases teóricas apresentadas, buscamos visibilizar e problematizar, a organização das práticas de lazer dos jovens pesquisados frente às demandas do trabalho, da escola e dos apelos consumistas da sociedade contemporânea. Compreendemos que mais do que tratar sobre práticas de lazer juvenis, a presente pesquisa abre novas possibilidades de análises dos modos diversificados de ser jovem na contemporaneidade.

Os Estudos Culturais e a juventude como uma categoria plural.

Entendidos como uma produção coletiva no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, os Estudos Culturais em Educação constituem um dos pilares deste estudo. Desde sua emergência, configuraram-se como um campo teórico que tensiona tradições elitistas, as quais persistiam “exaltando uma distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massas, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular”. (COSTA, SILVEIRA E SOMMER, 2003, p. 37).

É preciso destacar que o referido campo ressalta a cultura como conceito central uma vez que ela abarca toda a produção dos diversos grupos sociais. Tal acepção encontra amparo nos dizeres de Nelson, Treichler e Grossberg (1995, p. 14), que descrevem a cultura “tanto como uma forma de vida – compreendendo ideias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder – quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa [...]”. No entendimento de Hall (1997), a cultura assume centralidade nas discussões acadêmicas tendo em vista quatro principais fatores, a saber: a promoção dos novos domínios, instituições e tecnologias ligadas às indústrias culturais que modificam as formas organizacionais da economia, da indústria e da sociedade em geral; as implicações da globalização na produção do que somos e de onde vivemos; as transformações culturais do cotidiano; e as múltiplas formas de constituição das identidades na contemporaneidade. Assim, o campo dos Estudos Culturais fomenta a: “crítica cultural

que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura alta/baixa, superior/inferior, entre outras binariedades” (ESCOSTEGUY, 2001, p. 157).

Também a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, a juventude pode ser compreendida como uma categoria plural. Spósito (1999) vale-se do termo *juventudes*, dando ênfase a diversidade social e cultural que o envolve e evidencia ainda, que a juventude é marcada pelo aspecto da transitoriedade da vida infantil para a vida adulta. De modo semelhante, Dayrell (2003) e Novaes (2006) assinalam a juventude como uma construção social e cultural, que detém-se em definições exclusivas de critérios biológicos, psíquicos e/ou jurídicos.

Apesar de tais inferências, é importante destacar que a Organização das Nações Unidas (ONU) compreende como jovem aquele que está entre os 15 e 24 anos. No entanto, Guita Grin Debert (2010, p. 51) sustenta a juventude como categoria que “perde conexão com um grupo etário específico e passa a significar um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo de bens e serviços apropriados”. Tais bens e serviços oferecem cuidados extremos com o corpo e a manutenção de uma aparência forte, tonificada, jovial, potencializada por uma indústria de produtos de beleza, alimentação e de academias de ginástica. Busca-se, de todas as formas, suprir o desejo de manter-se jovem e assim, tornam-se borradas as fronteiras que limitam um tempo aproximado para se ‘entrar e sair’ da juventude. Sobre o tema, destaca Ribeiro (2007, p. 27):

[...] a juventude atualmente constitui um certo ideal que talvez jamais termine.
[...] O corpo bem cuidado, a saúde, a liberdade até mesmo de desfazer relacionamentos, a possibilidade de sucessivos recomeços afetivos e profissionais: tudo isso tem a ver com uma conversão do humano em jovem.

Em relação aos jovens participantes desta pesquisa pode-se observar diferentes representações de práticas de lazer, que iam desde “descansar e tocar bateria na igreja até tomar cerveja depois do futebol e fazer trilha de moto”. O referido grupo condicionava o exercício de tais práticas à falta de tempo, em razão das demandas com o trabalho e com a escola. No entanto, era na escola que algumas das práticas de lazer narradas pelo grupo poderiam ser realizadas, como nas aulas de Educação Física e em atividades como

passeios, as quais eram oferecidas aos estudantes do diurno e que não eram disponibilizadas a eles, como passeios, visitas, etc.¹

Os Estudos sobre Lazer: algumas palavras

É oportuno destacar que, independentemente da época, as diferentes sociedades buscaram formas de divertir-se e distrair-se, embora seja ponderado mencionar que nem sempre o lazer existiu na forma como é tratado atualmente, como espaço/tempo para fruição, como argumentam Melo e Alves Junior (2012). O termo lazer tem sua origem do latim *licere* e sua conotação remete ao significado de “ser permitido, poder, ter direito” (GOMES E PINTO, 2009, p. 68). Comumente relacionado às situações de brincadeira, jogos e diversão, o lazer diz respeito às mais variadas dimensões da ação humana e, desta forma, compreende-se que “o lazer designa um amplo e complexo campo da vida social que inclui uma variedade de temáticas, tais como o tempo livre, o ócio e a recreação” (*Ibid*, p. 69). Ao fundamentar a compreensão da cultura como fruto da produção humana, as autoras Gomes e Pinto (2009, p. 99), tomando por base autores como Clifford Geertz, Marschall Sahlins e Stuart Hall, asseguram que:

[...] o lazer é uma criação humana em constante diálogo com as demais esferas da vida. Participa da complexa trama histórico-social que caracteriza a vida em sociedade, e é um dos fios tecidos na rede humana de significados, símbolos e significações

Já Stigger (2009, p. 82) relaciona o lazer às “atividades realizadas em espaços/tempos em que os indivíduos estão livres do trabalho e de outras obrigações”. O referido autor destaca que o lazer, em suas diferentes expressões, tem o caráter educativo quando assume a intenção de criar regras internas de respeito, de disciplina e organização.

Em relação aos primeiros estudos sobre o tema no Brasil, Gomes e Pinto (2009) destacam a aproximação entre as propostas de lazer e os interesses governamentais relacionados à saúde, à moral e à higiene da população. Deste modo, pode-se dizer que houve uma ‘permitida’ apropriação do lazer pelo campo de atuação da Educação Física, fato que pode ser explicado pelo discurso de combate ao ócio, visto como algo nocivo e perigoso, bem como a melhoria da qualidade de vida através de práticas saudáveis, constituindo, aos poucos, o lazer como um instrumento de desenvolvimento social.

¹ Vale ressaltar que a disciplina de Educação Física, na escola em questão, era oferecida no turno vespertino; fato que impedia a participação de muitos alunos.

Do ponto de vista mercadológico, Gomes e Pinto (2009) fazem referência à contribuição de Cláudia Martins Ramalho, quando a pesquisadora considera o crescente mercado que envolve o lazer, destacando o turismo como um dos eixos de visibilidade. E, como pondera Santos (2014), o lazer pode ser compreendido como um elemento que visa o lucro através de uma indústria que vem se forjando no entretenimento de consumo, a exemplo dos eventos de corrida de rua patrocinados/organizados por grandes empresas. No entanto, percebe-se também certa preocupação, de empresas e de órgãos governamentais, com a conservação de estruturas ambientais e patrimônios culturais e ainda, com a expansão e a modernização de espaços públicos no intuito de oferecer às populações momentos voltados ao lazer de forma prazerosa e democrática.

Ao analisar o lazer em consonância com a perspectiva dos Estudos Culturais, pode-se compreendê-lo como um processo amplo, aberto e em constante (re)criação, ancorado nas várias vertentes sociais, históricas e culturais, que igualmente exercem tensões e transformações no cotidiano das pessoas. De acordo com Gomes e Pinto (2009, p. 100): “[...] em nossa sociedade, o lazer é um fenômeno dinâmico, complexo, dialógico, permeado de conflitos, tensões e ambiguidades”. Assim, é na relação das pessoas com o mundo que o lazer se manifesta, produzindo e reproduzindo diferentes contextos.

Caminhos metodológicos: rotas para a construção do estudo

Compreendemos este estudo como uma pesquisa qualitativa, tomando por base autores como Denzin e Lincon (2006). Frente ao questionamento sobre práticas de lazer no grupo estudado, foram estabelecidas as seguintes ferramentas teórico-metodológicas: observação participante, uso de questionário, organização de grupos de discussão e ainda, análise de narrativas.

É importante destacar que as observações participantes, inicialmente restritas aos limites dos muros escolares, alargaram-se por outros espaços e atividades, tais como competições esportivas, festas, praças e parques, ou seja, locais da cidade onde os estudantes/trabalhadores também circulavam e estabeleciam práticas de lazer.

Em relação ao uso do questionário, destacamos que o mesmo versava sobre as práticas de lazer, vivenciadas/constituídas pelos estudantes e ainda, sobre demais aspectos de suas condições juvenis (família, amigos, uso de ferramentas tecnológicas e planejamento futuro). Destacamos que a referida ferramenta metodológica possibilitou o

cruzamento e comparação de dados dos participantes da pesquisa e fomentou a organização dos grupos de discussão.

Sobre os grupos de discussão, destacamos que os mesmos foram realizados em horário normal de aula, de modo a facilitar a participação dos envolvidos. De acordo com Meinerz (2011, p. 486) os trabalhos desenvolvidos através de grupos de discussão abrem a possibilidade de escutar sensivelmente os sujeitos participantes, proporcionando um clima de aceitação e respeito pelas ideias e opiniões que venham a surgir. Wivian Weller (2013) acrescenta ainda, como vantagem de se trabalhar com grupos de discussão, o sentimento de acolhimento, propício para o surgimento de situações que digam respeito ao convívio dos envolvidos. Tal condição mostrou-se visível no decorrer dos encontros, tendo em vista que uma narrativa, por vezes, abria novas possibilidades, continuadas e/ou ampliadas por outros participantes. Também uma certa inibição inicial se esvaiu à medida que em a conversa se desencadeava, possivelmente pelo amparo do próprio grupo.

Tomando por base autores como Larrosa (1994), Arfuch (2002) e Bonin (2007), as narrativas dos estudantes foram compreendidas como sendo relatos da própria vida, que sofrem tensões dos significados culturais. Sobre o tema, Bonin (2007, p. 28) assegura que “não há narrativa que dê conta de mostrar as coisas como elas são, porque o modo como as coisas são é uma invenção”. A partir disso, pode-se ter a compreensão de que as narrativas sejam passíveis de tensionamentos por conta de todas as condições que as envolvem. No transcorrer dos grupos de discussão foi possível perceber que algumas das narrativas dos estudantes/trabalhadores se aproximavam de práticas coletivas de lazer, outras se distanciavam em condições e posicionamentos individuais. A seguir problematizamos o uso do tempo, dimensão sobre a qual os jovens pesquisados destacaram sua falta para vivenciarem o lazer, em virtude do trabalho e das demandas com a escola.

Jovens trabalhadores sem tempo e cansados

A partir das análises realizadas foi possível perceber que os jovens participantes têm organizado suas práticas de lazer de modo distinto ao que é, por exemplo, representado pelas políticas públicas de lazer. Tais políticas compreendem o lazer como estratégia para o bem-estar dos indivíduos, a exemplo das atividades recreativas, esportivas e culturais, dentre as quais, destacam-se as ruas de lazer, as apresentações artísticas, competições esportivas.

O entendimento do lazer pela ótica do preenchimento do tempo livre, por atividades e/ou ações direcionadas para o entretenimento puramente, como sugerem as políticas públicas, não encontra respaldo no que alguns jovens atualmente ponderam sobre o tema. O fato de, por exemplo, vermos equipamentos/espços públicos destinados ao lazer ociosos, muito provavelmente reflete a falta de sintonia entre o que arrazoam os jovens e o que a sociedade estabelece como norma para tal finalidade. Há de se considerar, também, a condição de muitos deles trabalharem, inclusive, em finais de semana, sendo que tais dias seriam considerados como oportunos para a vivência do lazer. Além disso, as condições financeiras são, na maioria das vezes, balizadoras do tipo de lazer escolhido/vivenciado pelos jovens, bem como quais espaços podem frequentar, seja pelo custo, idade, segurança, mobilidade etc, o que na visão de Marcellino (2006, p. 23), entre outros aspectos, “contribui para uma apropriação desigual do lazer”.

Através de algumas narrativas dos estudantes, percebe-se que as políticas públicas sobre as práticas de lazer pouco dialogam com demandas da sociedade contemporânea, a exemplo do escasso tempo livre que muitos dos jovens têm na atualidade. Levando-se em conta o aspecto, Marcellino (1996, p. 27) diz ser necessário estender:

[...] o leque das discussões do papel da Administração Pública, com relação à formulação de políticas de lazer, e que vem se manifestando, na grande maioria de nossas cidades, pela ausência, ou falta de identidade, sendo substituídas pelos “calendários de eventos”, ou “pacotes” baixados dos gabinetes “técnicos”

Os jovens trabalhadores/estudantes narram não ter tempo para a realização de outras atividades que não sejam laborais e/ou estudantis, apontando como lazer atividades tais como, “descansar e relaxar”, afastando-se ainda mais das dimensões constituídas de lazer constituídas pelas políticas públicas. Parte dos alunos pesquisados afirmam que lazer se define como momentos em que se pode “passar”, “descansar” ou simplesmente, “ficar em casa”, como segue nas narrativas abaixo²:

Pesquisador: *Então vocês falaram que não tem tempo para nada. E o lazer como fica?*

Sofia: *Hã, o lazer fica em último lugar, a gente trabalha né.*

Pesquisador: *Mas só trabalham?*

Sofia: *Trabalhar, escola, curso (de inglês), falta tempo, não tem como, vai fazer o que.*

Pesquisador: *Fazem curso também?*

Itamar: *Eu, além da escola, trabalho de tarde e faço SENAI (Eletrônica) de manhã.*

Pesquisador: *Mais alguém faz curso?*

² Aos alunos foram atribuídos nomes fictícios.

Suélen: *Eu faço Administração, também no SENAI.*

Pesquisador: *E trabalha também?*

Suélen: *Sim, de tarde.*

Pesquisador: *Mas nada assim de folga então?*

Douglas: *Folga, eu trabalho num mercado de semana, no fim de semana trabalho de garçom, não tem folga... Ah, não tenho tempo pra nada.*

Tatiane: *Eu trabalho até de sábado todo o dia, aí quando dá eu descanso também né.*

Pesquisador: *E no domingo?*

Tatiane: *Bom, aí no domingo passeio um pouco pela cidade, senão fico por casa mesmo, descansando.*

Pesquisador: *E tu Marli? E o que tu fazes então?*

Marli: *Agora não, tô sem emprego, mas tô procurando. Eu fico por casa mesmo, não sou muito de sair.*

Dentre as narrativas trazidas pelos jovens sobre suas práticas no tempo livre, surgiram várias referências ao “descanso” e à “falta de tempo”, como se pode observar. Tais condições indicam que o pouco tempo livre que lhes ‘sobra’, acaba destinado ao ato de “descansar, relaxar, dormir, recarregar as baterias”, como várias assertivas surgiram nos questionários, de uma maneira geral. A necessidade de sentirem-se incluídos em seus grupos de convivência e o anseio pelas mudanças econômicas de seu futuro, impulsiona os jovens, por vezes, a trabalharem mais ou a buscar mais de um emprego. Anseiam melhores condições de vida e proverem suas necessidades – desejos – pessoais, além de ampliarem o círculo de mobilidade social para além da família e da escola.

Além das atividades escolares no período noturno, tais estudantes têm jornada de trabalho em quase todos os dias da semana, uma vez que se submetem a qualquer emprego e, por vezes, a mais de um deles. Isso se deve a pouca experiência, como observa Pochmann (2004, p. 384) ao fazer referência aos níveis de desemprego, bem “como a precariedade, o sobretrabalho e a deterioração dos níveis de renda, especialmente entre as faixas etárias mais jovens”.³ Como se percebe, alguns desses jovens pesquisados desenvolvem uma multiplicidade de ações, ou seja, além do trabalho e do estudo, há evidências de um segundo trabalho, realizado no pouco tempo livre que lhes resta. Não parece estranho, portanto, que o ato de “descansar” ou “ficar em casa” seja apresentado por eles de maneira proeminente, haja vista que suas rotinas diárias são consumidas em demasia por algum tipo de obrigação. Principalmente, pelo compromisso que grande parte desses jovens denota ao trabalho, na linha do que referencia Dayrell (2007, p. 1109): “[...], a condição juvenil só é vivenciada porque trabalham, garantindo o mínimo de

³ Considera-se *sobretrabalho* as jornadas de trabalho acima de 44 horas semanais, os aposentados e pensionistas que se mantêm ativos no mercado de trabalho, os trabalhadores com mais de uma ocupação e o trabalho de pessoas abaixo de 16 anos de idade. (POCHMANN, 2004, p. 397).

recurso para o lazer, o namoro ou o consumo [...] o mundo do trabalho aparece como uma mediação efetiva e simbólica na experimentação da condição juvenil”.

Ao se levar em conta a falta de tempo por conta do trabalho, vale destacar que esses jovens pesquisados, não necessariamente, teriam que trabalhar de modo intenso para a manutenção de uma renda para si e para sua família, visto que alguns são de famílias com melhores condições financeiras. No entanto, os referidos alunos desejam conquistar sua independência, ter condições próprias de consumir o que lhes convém, mesmo que, para isso, o pouco tempo livre que lhes reste seja utilizado, de modo necessário, para o descanso. Logo, resta-lhes pouquíssimo tempo livre para o exercício de outras práticas que não sejam o trabalho, o estudo e o descanso.

Ao apontar para as políticas públicas destinadas às práticas de lazer para a juventude, é possível perceber a falta de sintonia estabelecida entre as mesmas com o que pensam os jovens. Pois, se as políticas públicas desencadeiam um processo de colocar à disposição equipamentos, estruturas e/ou espaços para a vivência de possíveis práticas de lazer, bem como a oferta de atividades ou ações, as juventudes não percebem tal esforço como algo que lhe seja atrativo ou necessário. Essa falta de sintonia pode ser associada à ausência de um estudo ou conhecimento maior das reais necessidades dessa juventude, haja vista que as políticas públicas voltadas para o segmento juvenil são tratadas de maneira geral para a juventude, mas desconsideram aqueles que trabalham e que estudam à noite. Desta forma, é possível compreender que esta juventude específica, não está (ou não se sente) contemplada pelo que, de fato, as políticas públicas entendem por lazer para a juventude como um todo, ao que Pais (1990, p. 591) considera quando indica que:

surge a tendência de se olhar o domínio do lazer juvenil como um domínio de práticas culturais homogêneas porque, é costume argumentar-se, essas práticas teriam a particularidade de serem específicas e até exclusivas de uma fase de vida a que aparece associada a juventude

Por um lado, ao não se descartar as próprias escolhas dos sujeitos, é possível compreender que as relações do descanso e da falta de tempo, como argumentos evidenciados para um afastamento das práticas de lazer, se deem pelo entendimento de que os jovens não se sintam atraídos, inseridos ou autorizados a frequentar os modos de lazer que se apresentam. No momento em que tais condições são evidenciadas pelos jovens, seria importante avaliar se tais ofertas ou ações, desenvolvidas pelas políticas públicas, não estariam desconectadas ou desfocalizadas do que a juventude atual, esta que trabalha e estuda, estaria procurando ou imaginando.

De acordo com as análises realizadas pode-se perceber que os jovens valem-se da necessidade de descanso físico e da falta de tempo para constituir uma prática de lazer sem ao menos ‘sair de casa’, como se observa nas narrativas que seguem:

Cristina: *Eu gosto é de dormir, não gosto de esporte.*

Alice: *Eu também, gosto é de ficar em casa com a família, dormir, assistir tv, é tudo de bom.*

Mauro: *Melhor coisa é assistir tv, filmes, sozinho.*

Junior: *Eu gosto de ficar com a família, também toco bateria na igreja todo o final de semana.*

Andressa: *Bom é estar em casa, fazer coisas que gosta, cozinhar, comer, ficar com o filho, família.*

Joelson: *Ler um bom livro, ficar em casa com a família.*

Marisa: *Eu gosto de ficar em casa em família, fazer churrasco no fim de semana, tomar chimarrão, comer uma pipoca, dá uma banda de carro.*

A partir das narrativas percebe-se que o desprezo pelas atividades físicas infere sobre a organização das práticas de lazer: as mesmas ocorrem na própria casa, sem a realização de práticas desportivas, confirmando o que um terço dos entrevistados respondeu no questionário. Há de se ponderar que tais práticas assumem as mais variadas formas, a exemplo do pela televisão, por filmes, pelo aspecto da comodidade e segurança.

Compreendemos também que as práticas familiares não se distanciam de momentos de descanso, ou de “higiene mental”, como lembra Marcellino (2006). O apreço que muitos dos pesquisados têm pela família evidencia um certo contraste com a representação que temos da juventude: contestadora, desafiadora, de aparente conflito com suas famílias. Destaca-se o caráter afetivo, tal como pondera Dayrell (2002, p. 124), ao dizer que a “família ainda é uma das poucas instituições do mundo adulto com a qual esses jovens podem contar”.

De tal modo, não se pode deixar de destacar o espaço religioso, no instante o mesmo exerce fascínio como prática agregadora de configurações de lazer, mesmo que, não seja construído, originalmente, para este fim. Na linha do que segue este raciocínio, Marcellino (2007, p. 9) confere ao lar o aspecto de ser “o principal equipamento não específico de lazer, ou seja, um espaço não construído de modo particular para essa função, mas que eventualmente pode cumpri-la. Nessa mesma categoria figuram os bares, as ruas, as escolas etc.”, entre outros espaços, dentre os quais, pode-se incluir a igreja.

Findando o percurso, aportando reflexões

Em meio às análises realizadas, compreendemos o lazer como “uma dimensão da cultura constituída pela vivência lúdica de manifestações culturais no tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações – especialmente com o trabalho produtivo” (GOMES, 2004, p. 125).

Ao analisar as narrativas dos jovens estudantes/trabalhadores destacamos que, apesar do cansaço e da falta de tempo, os jovens se possibilitavam vivenciar algum tipo de lazer, mesmo que este ficasse restrito à condição de ficar em casa ou mesmo se movimentar por espaços próximos, bem como fazer uso das redes de informática, que assumem hoje, possibilidades amplas de entretenimento e diversão. Também foi possível perceber que as representações de lazer desses jovens assumiam várias formas e que eles as constituíam de acordo com suas possibilidades, condições financeiras, locais de circulação, horários, manifestando um lado escorregadio, imprevisível e inteligente de interação com outros sujeitos e com o meio.

Por outro lado, ao realizar esta investigação a partir do ambiente escolar, na tentativa de articular algumas questões do lazer com este espaço, foi possível notar que a escola não dialoga com o jovem sobre o lazer. Se o espaço já é considerado um local que, por vezes, não dialoga com o jovem a partir de suas vivências do cotidiano, não seria diferente em relação ao lazer, quando este assume uma condição importante nesta etapa da vida, pois são “nos momentos de lazer que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser” (DAYRELL, et al., 2008, p. 30), os quais a escola não poderia se eximir de atribuir maior significado.

É possível dizer, a partir dos Estudos Culturais, que as configurações tradicionais de lazer se modificaram, se flexibilizaram e que as possibilidades várias de transitar, criar e se adaptar da juventude atual vão constituindo modos múltiplos de lazer. As pluralidades juvenis, seus modos de vida transitórios e movediços, podem oferecer às práticas de lazer novos contornos, múltiplos e temporários. Se ler um livro, passear, sair com os amigos, praticar um esporte, assistir um filme ou um espetáculo podem ser consideradas práticas ‘normais’ de lazer da juventude, hoje a intensa mobilidade pelos espaços, bem como a profusa interação com as tecnologias, em especial o uso do celular, transcendem a isso tudo e podem oferecer inúmeras e variadas formas de lazer. Sem contar que isso pode ser feito de qualquer lugar, da rua, da casa, do trabalho, do bar, da escola, e a qualquer hora do dia, qualquer dia da semana.

Sendo assim, partindo do entendimento de que a juventude atual, nascida e criada (experimentada e fruída) no contexto de uma sociedade sem freios, veloz, efêmera e consumista, torna-se comum que suas práticas de lazer sejam constituídas através do uso fragmentado do tempo e do espaço. No entanto, é possível perceber que tal perspectiva, por vezes, se contrapõe para este grupo de estudantes de classe trabalhadora. Para alguns deles, a falta de tempo faz com que as opções ‘caseiras’, os passeios próximos, as ações realizadas entre familiares e amigos, se tornem práticas rotineiras de lazer.

O fato dos jovens pesquisados apontarem para o descanso como uma prática de lazer, indica que o pouco tempo livre lhes seja necessário para uma ‘parada’ e/ou uma ‘quebra no ritmo’ do dia-a-dia, desnaturalizando, portanto, as representações que se têm do lazer, constituídas pelas políticas públicas, pela mídia e/ou pelo senso comum. Seria possível imaginar, portanto, que para além do ato de descansar, há o entendimento de que as práticas de lazer sejam realmente desprovidas de atividades consideradas mais ativas. Ou seja, as práticas ligadas à família, os passeios, o ficar em casa, o navegar na internet são possibilidades apresentadas como ‘fazer o que se gosta’, contrapondo-se inclusive ao próprio entendimento de lazer que temos enraizado na sociedade.

Destarte, ao compreender os tempos e os espaços em que esses jovens estão fora da escola pelo nexos puramente produtivo, destinado ao trabalho, o pouco tempo que lhes resta é direcionado ao descanso, sendo este entendido também como uma prática de lazer. Entende-se, portanto, que as práticas de lazer ‘usuais’, acabam substituídas por atividades de repouso e/ou por aquelas que demandam um mínimo de esforço possível, haja vista, a necessidade de recompor-se física e mentalmente, embora se possa pensar que tais jovens estejam construindo modos outros para vivenciar o lazer, ampliando o sentido desta dimensão. Assim ao deixar-se envolver pelos múltiplos espaços-tempos das novas juventudes trabalhadoras do Ensino Médio noturno, bem como das representações que estas conferem às práticas de lazer, é provável que estejamos sempre a admirar e aprender com elas – muito mais do que ensinar.

Compreendemos que mais do que tratar sobre o lazer dos jovens contemporâneos, a presente pesquisa constitua uma possibilidade para que professores e pesquisadores analisem modos diversificados de ser ‘jovem na contemporaneidade’, as novas configurações da juventude trabalhadora do Ensino Médio noturno e suas novas/diferentes formas de uso dos tempos e espaços.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. Problemáticas de la identidad. In: ARFUCH, Leonor. (Org.). **Identidades, sujetos Y subjetividades**. Buenos Aires: Prometeo, 2002.
- BONIN, Iara Tatiana. **E por falar em povos indígenas...** Quais narrativas contam em práticas pedagógicas? Porto Alegre: UFRGS, 2007. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2007.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 17. Jun. 2016.
- DAYRELL, Juarez et al. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In: Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Um olhar sobre o jovem no Brasil** – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.
- DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**: Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.
- DENZIN, Norman Kent.; LINCOLN, Yvona Sessions. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz, 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n.34, p.49-70, jul./dez. 2010.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz Cláudio; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001
- GIROUX, Henry. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz T. da. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 85-103.
- GOMES, Christianne Luce (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.
- GOMES, Christianne Luce; PINTO, Leila. O lazer no Brasil: Analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, Christianne et al. **Lazer na América Latina / Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 67-122.
- HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº 2, jul./dez.1997.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 35-86.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Algumas aproximações entre lazer e sociedade. In: Revista **Iberoamericana Lazer e sociedade**, vol.1, n.2, mai./set. 2007/set. 2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/pdf/ac201.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2017.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. Campinas: Autores Associados, 1996

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. In: **Educação e Realidade**, v. 36, p. 485-504, 2011.

MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas: Papirus, 2006.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. 2. ed. Barueri: Editora Manole, 2012.

MYSKIW, Mauro; FORELL, Leandro; STIGGER, Marco Paulo. O lazer como um fenômeno urbano: notas etnográficas sobre a interdição do 'maracanã da várzea' de Porto Alegre. In: **VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**, 2014. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/viewFile/5928/3253>. Acesso em 17 dez. 2016.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz T. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7-38.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.105-120.

PAIS, José Machado. **Lazer e sociabilidades juvenis: um ensaio de análise etnográfica**. *Análise Social*, vol. XXV (108-109), (4º e 5º), p. 591-644, 1990.

POCHMANN, Marcio. Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? **Educação & Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 87, p. 383-399, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 27 dez. 2016.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade**. Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo e Instituto Cidadania, 2007.

SANTOS, Samuel. Estudos Culturais e formação profissional em lazer: Das Identidades e Concepções de Sujeitos. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 2, n. 1, p. 174-

193, jun. 2014. ISSN 2183-0886. Disponível em: <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/79/82>. Acesso em: 13 Jan. 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

SPÓSITO, Marília Pontes. Educação e juventude. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte: FEA/UFMG, n. 29, 1999, p. 7-13

STIGGER, Marco Paulo. Lazer, cultura e educação: possíveis articulações. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009..

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 54-66.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p.7-72.